
REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DOS CORPOS MODERNOS: DIÁLOGOS ENTRE BENJAMIN E FOUCAULT NO CONTEXTO DA INDÚSTRIA CULTURAL

Marsiel Pacífico
Luiz Roberto Gomes

RESUMO

Por meio de uma revisão bibliográfica, o presente artigo busca estabelecer relações entre dois autores distintos em suas perspectivas, epistemologias e objetos: Walter Benjamin e Foucault. No filósofo alemão, observa-se a construção de uma filosofia da linguagem que exprime uma natureza imanente, um espírito comunicador que se expressa, singularmente, em cada sujeito. Em Foucault, sua arqueologia do poder desdobra olhares sobre o corpo e suas formas de dominação, como processo de subjetivação que esvai a singularidade dos sujeitos. No contexto da indústria cultural, a manutenção da lógica do consumo demanda uma subjetivação que esvazie singularidades como modo de potencializar a produção dos desejos associada aos produtos do capital. Para tanto, a produção dos corpos e, por consequência, o empobrecimento da linguagem é componente central dos processos formativos contemporâneos. Tem-se por resultado a necessidade da produção de pontos de resistência, vozes de ruptura que podem emanar de práticas pedagógicas emancipadoras e libertárias.

Palavras-chave: Corpo. Linguagem. Docilização. Indústria Cultural.

REFLECTIONS ON THE PRODUCTION OF MODERN BODIES: DIALOGUES BETWEEN BENJAMIN AND FOUCAULT IN THE CONTEXT OF THE CULTURAL INDUSTRY

ABSTRACT

Through a bibliographic review, this article seeks to establish relationships between two distinct authors in their perspectives, epistemologies and objects: Walter Benjamin and Foucault. In the German philosopher, there is the construction of a philosophy of language that expresses an immanent nature, a communicative spirit that expresses itself, singularly, in each subject. In Foucault, his archeology of power unfolds views on the body and its forms of domination, as a process of subjectification that drains the singularity of the subjects. In the context of the cultural industry, maintaining the logic of consumption demands a subjectivity that empties singularities as a way to enhance the production of desires associated with the products of capital. Therefore, the production of bodies and, consequently, the impoverishment of language is a central component of contemporary training processes. The result is the need to produce points of resistance, voices of rupture that can emanate from emancipatory and libertarian pedagogical practices.

Keywords: Body. Language. Docilization. Cultural Industry.

REFLEXIONES SOBRE LA PRODUCCIÓN DE CUERPOS MODERNOS: DIÁLOGOS ENTRE BENJAMIN Y FOUCAULT EN EL CONTEXTO DE LA INDUSTRIA CULTURAL

RESUMEN

A través de una revisión de la literatura, este artículo busca establecer relaciones entre dos autores diferentes en sus perspectivas, epistemologías y objetos: Walter Benjamin y Foucault. En el filósofo alemán, observamos la construcción de una filosofía del lenguaje que expresa una naturaleza inmanente, un espíritu comunicativo que se expresa, de manera única, en cada sujeto. En Foucault, su arqueología del poder despliega visiones sobre el cuerpo y sus formas de dominación, como un proceso de subjetivación que desvanece la singularidad de los sujetos. En el contexto de la industria cultural, el mantenimiento de la lógica del consumo exige una subjetivación que desinfle las singularidades como forma de potenciar la producción de deseos asociados a los productos del capital. Por tanto, la producción de cuerpos y, en consecuencia, el empobrecimiento del lenguaje es un componente central de los procesos formativos contemporáneos. El resultado es la necesidad de producir puntos de resistencia, voces de ruptura que puedan emanar de prácticas pedagógicas emancipatorias y libertarias.

Palabras clave: Cuerpo. Lenguaje. Docilización. Industria Cultural.

Introdução

A escola se constitui como o espaço institucional dedicado à educação formal. Assim, cumpre-se o papel da transmissão dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade para, sobretudo, crianças e jovens. Todavia, nesse rito, relações são estabelecidas para além da dimensão da transmissão formal de conhecimentos, produzindo sobre e com os sujeitos experiências e saberes que são invisíveis aos olhares menos atentos; dentre tantas dimensões entre as quais atua a escola, uma lhe é especialmente cara: o corpo.

A violência sobre os corpos, quer física ou simbólica, é uma linha que perpassa desde as escolas pitagóricas até os nossos dias, com raros sopros de exceção (MANACORDA, 2004). A dominação estabelecida sobre a corporalidade é uma dimensão central da cultura escolar e suas implicações transcendem os aspectos fisiológicos do corpo; são, no fim das contas, processos de dominação do espírito.

Modernamente, a produção de uma maquinaria desejanete, como a Indústria Cultural (ADORNO, 2002), implica em dimensões específicas que constituem categorias e técnicas de poder sobre o corpo.

Para compreender tal processo, apresenta-se a intersecção entre a filosofia da linguagem de Walter Benjamin e a obra de Michel Foucault como possibilidade de encontros epistemologicamente distintos, mas objetivamente afinados: suas obras permitem pensar o corpo para além da materialidade, implicando as dimensões formativas e subjetivas do processo.

Determinantes contemporâneas

Embora a violência sobre os corpos seja uma constante histórica, as determinações sociais e culturais que operacionam as lógicas disciplinares contemporâneas têm suas singularidades. De tal modo, Adorno e Horkheimer (1985) suscitam bases que permitem pensar o corpo no contexto atual, sobretudo no entrelaçar teórico dos conceitos de razão instrumental e Indústria Cultural, na medida em que a compreensão da relação estreita entre linguagem e dominação não passa despercebida pelos autores, que afirmam “Os instrumentos da dominação destinados a alcançar todos – a linguagem, as armas e por fim as máquinas – devem se deixar alcançar por todos”(ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 42).

Nas sociedades cujo poder e razão se centravam nos mitos, a tentativa de dominação da natureza trouxe, adjudicadamente, relações coercitivas com o corpo a partir de rituais ou de repressões pulsionais que, no contexto de uma determinada ordem moral, consagrava valores ascéticos de conduta. A superação do mito passa a ser então uma via de superação da fragmentação do corpo, coisificado em suas amarras morais e exteriores. Mas, na constatação dos autores frente à derrocada do plano moderno, o paulatino substituir da autoridade teocêntrica por um novo mito, o deus *logos*, cujas verdades se absolutizaram tal qual seu antecessor, acabaram por trazer formas de dominação e castração do corpo, tão violentas quanto sutis. Nesse contexto, constata-se as mesmas bases míticas de dominação da natureza que se reverberam contra o corpo na constituição de uma razão instrumentalizada.

A dominação da natureza, objeto de enlevo do mito e doravante da razão, expressa no corpo a forma de resistência disciplinar fundamental para a produção de uma modalidade subjetiva condizente com a realidade social; o corpo, lócus de expressão linguística, potência da essência mais natural no homem, precisa ser docilizado, para que se cumpra o delírio da razão. Nesse sentido, destacamos a ideia de que:

Hoje temos meios muito mais eficazes de controlar a natureza, recorreremos ao “Deus Ciência” e suas explicações exatas, mas na essência permanecemos com o mesmo intuito de outrora: controlar a natureza; nossos corpos e instintos aí incluídos. Por estes critérios nós é que nos tornaríamos o poder supremo, sem depender da boa vontade dos deuses para conduzirmos nosso processo de existência, de autopreservação. E foi exatamente aí que historicamente nos perdemos, elegemos estes critérios como nossos deuses, e não nos tornamos mais racionais que os homens da fé mitológica, apenas aperfeiçoamos nosso controle autoritário sobre a natureza (DIAS, 2010, p. 61).

A constatação de que a razão impôs mecanismos de reificação e dominação do corpo permite indagar uma natureza que permaneceu imutável nesse processo. A mesma vontade de domínio da natureza verificada no mito, hoje fundamentada na ciência positiva, acaba por instruir formas disciplinares no corpo, visto que:

O domínio da natureza deve se iniciar com aquela mais imediata, ou seja, a natureza interna, intrínseca ao próprio sujeito com vistas a tornar o corpo mero instrumento de mediação entre sujeito e objeto, entre interior e exterior estabelecendo o devido distanciamento. Neste movimento

asséptico, que pode também ser considerado como o ímpeto imparcial do positivismo, não só o corpo é coisificado, mas o próprio sujeito (DIAS, 2010, p.69).

As tessituras do poder microfísico da nova barbárie, carregada sob a égide da razão, reproduz modelos disciplinares supressores linguísticos que disseminam os mesmos traços duros de sua ciência positiva. No evoluir histórico de suas forças, a razão, cooptada pela lógica mercantil, modifica a velocidade de produção e o alastramento dos produtos burgueses, que geraram, em contrapartida, um esquadrinhamento enquanto técnica que transpôs todo seu arcabouço enrijecido para as relações humanas, na efetivação de um modelo existencial cujas necessidades irreais fossem transmitidas como necessidades naturais, fontes de sublimação dos desejos constituídos no interior de uma maquinaria social demarcada pelo consumo. Não obstante a tal raciocínio, a produção de um corpo reificado é resultante de um mapeamento fragmentário de uma nova anatomia biopolítica, cujos sentidos são segregados, suprimidos ou recodificados, conforme o mover-se da estrutura da indústria cultural. Nesse sentido, Adorno e Horkheimer constataam que:

A regressão das massas, de que hoje se fala, nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocável com as próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas (1985, p.41).

Assim, a representatividade do corpo ganha forças e a produção do corpo passa ser a âncora das relações de sedução que cooptam gradativamente o devir linguístico do sujeito para a aquisição gradativa de uma vontade massificada e exterior de ser. E, em tal cenário, o ser passa diretamente por parecer, pela imagem que o invólucro corporal transmite, envolto em um padrão estético artificial e fragilizado em suas possibilidades de qualquer experiência formativa. O corpo, nessa conjunção, ao castrar-se e docilizar-se, segue em passos largos a caminho de uma experiência deformada, na medida em que a padronização é a palavra-chave para a consolidação de um modelo corporal ditado pela moda, um corpo que traduza em si os ideais mercantis.

Se as forças mercadológicas são imperativos categóricos da relação de poder sobre os corpos, de que maneira tal processo pode ser compreendido em suas dimensões formativas?

Repensando o corpo e suas linguagens: dimensões formativas

No conjunto de sua teoria da linguagem, Walter Benjamin expressa sua compreensão por meio da peculiar relação entre ciência e metafísica, constituindo um devir histórico alicerçado sobre a função natural-divina e a função social-cultural. Por um lado, temos na nomeação um desígnio divino herdado pelo homem, em que somente pelo nome a linguagem seria capaz de transmitir de forma mais íntegra a essência espiritual do ser humano (BENJAMIN, 1970). Por outro lado, na interação de sua essência com o mundo, os objetos exteriores tocam o espírito do homem e ali são remodelados no exercício artesanal de singularidade; a partir da narração o homem devolve ao mundo suas experiências formativas (BENJAMIN, 1985). Desse modo cumpre-se o duplo devir da

linguagem, a linguagem para si, em sua modalidade natural, essencial e pura; e a linguagem para o outro, em sua modalidade experiencial, sensível e sábia.

Cabe ainda ressaltar a compreensão exposta pelo autor, que vai além do idioma, para alcançar a polissemia da linguagem exercida pelos diversos canais de expressão e sentido no homem e nas coisas¹. Há de se observar um processo de transição natural em que a linguagem passa a concentrar sua força comunicativa na dimensão idiomática; todavia, o corpo é pleno de potências linguísticas e, sobretudo na infância, a experimentação do mundo ocorre por seus canais sensoriais e pela ludicidade. Dessa forma, a repressão do corpo pela sua dominação exterior não é apenas um exercício fisioanatômico, mas se desdobra nas dimensões subjetivas da formação humana: o corpo reprimido, obediente e dominado é a matriz do processo de produção do *sujeito* reprimido, obediente e dominado.

No capítulo denominado Disciplina, de sua obra *Vigiar e Punir* (2010), Michel Foucault constrói uma arqueologia sob a evolução histórica das formas de exercício de poder e dominação sob os corpos. Mesmo diante da constatação do autor de que “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõe limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 2010, p.132), a partir do século XVIII, novos elementos foram incorporados às redes de poder que se impõem no processo de docilização dos corpos.

Destarte, Foucault compreende o novo modelo disciplinar que floresce no interior das instituições escolares por quatro características fundamentais sustentadas por outras quatro grandes técnicas:

É celular (pelo jogo de repartição espacial), é orgânica (pela codificação das atividades), é genética (pela acumulação do tempo), é combinatória (pela composição de forças). E para tanto, utiliza quatro grandes técnicas: constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação das forças, organiza ‘táticas’. A tática, arte de construir, com os corpos localizados, atividades codificadas e as aptidões formadas, aparelhos em que o produto das diferentes forças se encontra majorado por sua combinação calculada é sem dúvida a forma mais elevada de prática disciplinar (FOUCAULT, 2010, p.161).

É caracterizado um momento histórico do corpo, no qual a força motriz do processo formativo é a disciplina que: “(...) visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente” (FOUCAULT, 2010, p.133).

Estabelece-se, então, uma nova perspectiva formativa para o corpo, em que as estruturas de poder são exercidas pelo duplo alicerce da relação dialógica entre a docilização e o aumento de determinadas habilidades que, por sua vez, tem como cerne a obediência e a sujeição. Na perspectiva vislumbrada pelo autor, podemos compreender como as estruturas microfísicas de poder vão infligindo coerções pequenas e ininterruptas, que constituem uma rede que coopta gradativamente toda potencialidade do corpo sugerida, em Benjamin, como devir linguístico. Constitui-se assim, uma “maquinaria de poder que esquadrinha, desarticula e recompõe o corpo em uma nova anatomia política” (FOUCAULT, 2010, p. 32), que tem por fim a produção de um corpo dócil, reverberante de uma formação subjetiva massificada, alinhada com as formas mercantis de existir e

expressar linguagem, o que podemos compreender como fator constitutivo de certa deturpação capitalista da forma e da essência, identificada por Benjamin como uma linguagem burguesa (BENJAMIN, 1970).

A imposição exercida pela rede de poder disseminada pela Indústria Cultural tem adotada, disciplinarmente, a característica da microfísica do poder moderna, ao instaurar valores no interior dos sujeitos pela incessante pressão que seus modelos exercem. Não é preciso existir organizações ou estruturas exteriores de controle e vigia; o que se produz não é mais o rigor disciplinar exterior, mas sim a produção de um desejo exterior que se apresenta com as características de pertencimento e interioridade, por mais alheio que seja. O que parece se impor com uma grande e sutil violência é o desejo de pertencimento, que passa necessariamente por se tornar igual e seguir as tendências; dessa feita, cria-se uma lógica que anula qualquer possibilidade de uma experiência singular e o espírito da linguagem passa a ser substituída pela liturgia mercantil, pelos valores materiais que se solidificam enquanto função linguística.

Na busca incessante por *ser*, os sujeitos imersos no contexto da Indústria Cultural buscam se constituir enquanto diferentes e, para isso, o exercício é, ironicamente, tornar-se padronizado, dada a natureza coletiva desses movimentos. Tal busca é sintomática de uma sociedade que aferra, sob novas formas, a clássica divisão social, segregando também as possibilidades de uma existência social cujo antídoto é o não existir, ao perder-se na multidão padronizada:

O resto supérfluo, a massa imensa da população, é adestrado como uma guarda suplementar do sistema, a serviço de seus planos grandiosos para o presente e o futuro. Eles são sustentados como um exército de desempregados. Rebaixados ao nível de simples objetos do sistema administrativo, que pré-forma todos os setores da vida moderna, inclusive a linguagem e a percepção, sua degradação reflete para eles a necessidade objetiva contra a qual se creem impotentes (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.43).

Consolidam-se, no interior dessas novas estruturas, mecanismos que gradativamente vão sucumbir o devir linguístico, a experiência narrativa e a essência nomeadora, na medida em que a perversão de um corpo docilizado passível de um controle disciplinar, cujo norte é a calculabilidade, ganha formas e forças no interior dos movimentos pedagógicos, que reverberam os ajustamentos reificados e se materializam nas práticas pedagógicas.

No fetiche da calculabilidade, em uma sociedade administrada no qual “o número tornou-se o cânone do conhecimento”(ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 20), o corpo docilizado é aquele que visa o equilíbrio, a imparcialidade, em uma transposição positivista que reduz o espírito humano e o enquadra em um patamar, que parece longe de tocar a essência das coisas, na medida em que o que há de mais puro e essencial nos homens, segundo Benjamin, é a linguagem, e esta é concomitantemente o que há de mais particular e subjetivo. O ato de experiência é, sobretudo, um modelar artesanal feito pelas mãos próprias do sujeito, na imersão dos objetos em seu arcabouço de experimentações refletidas do mundo da vida. Neste sentido, a busca pela essência, atravessada pela pretensão positivista do distanciamento e compreensão lógica matemática do mundo, se faz na direção oposta à possibilidade da experiência defendida por Walter Benjamin.

Tal movimento esvazia o corpo de suas significações e experiências pessoais, para torná-lo um estandarte, uma vitrine viva que ecoa valores exteriores e mercantis, intencionalmente constituídos em uma complexa rede de poder em que, de alto a baixo, aponta forças para a mesma direção. A constatação de que as impressões de ordem estética são prioritárias aos sujeitos a qualquer fomentação de uma gênese cultural e moral, revela-nos a vasta profundidade de uma rede de poder que visa a superficialidade.

Entretanto, para o filósofo francês, a constituição desta grande engrenagem social que fabrica modalidades de corpos específicas, dotadas do caráter da docilidade e da sujeição, não se dá por meio de uma grande e única intencionalidade que se afirma e se prolifera ideologicamente, sucumbindo outras possibilidades formativas. Para Foucault, a “invenção” desta anatomia política se dá na combinação de múltiplas estruturas que convergem para a mesma direção, microestruturas de poder que cristalizam um ideal formativo específico dentro do contexto social que se solidificara e, mesmo com origens e localizações distintas, encontram um campo profícuo para se perpetuar e se efetivar como fórmula geral de dominação e docilização. As possibilidades de resistências, tão mitigadas com o espírito moderno do capital, dificilmente escapam dos modelos educativos que se consolidam, independente da sua intencionalidade formativa, na medida em que o ideal do corpo docilizado esboçou historicamente um “método geral” (FOUCAULT, 2010, p. 134).

Outrossim, o autor compreende, em tal processo, novas características. A primeira seria a *escala* do controle:

(...) não se trata de cuidar do corpo, em massa, *grosso modo*, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, mas de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo (FOUCAULT, 2010, p.132).

Desse modo, a primeira nova característica das formas de poder é a gradativa transferência dos formatos rígidos de disciplinamento do corpo para o avançar paulatino de formas sofisticadas e infinitesimais que constituem uma nova constelação de elementos de poder, trabalhando o corpo em suas minúcias, afim de docilizá-lo.

A segunda é o *controle*, que ganha um novo caráter: “a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais” (FOUCAULT, 2010, p. 133). Mesmo abandonando a linguagem e o comportamento como objeto direto de coação, o poder não deixa de exercer suas forças contra a subjetividade do corpo, visto que ao se exercer contra os movimentos e a organização interna, acaba por produzir um corpo que necessita abandonar seus signos para incorporar novos que não dissonantes de um corpo dócil. O que ocorre não é um ingênuo abandono da formatação da linguagem, mas uma ação que codifica as raízes da subjetividade exprimível na potência narrativa das múltiplas linguagens a partir de um enfrentamento dissimulado.

Não é por acaso que o imperativo deste novo poder, sobretudo na escola², será o sinal sintetizador de uma linguagem codificada por um sistema disciplinar fortemente exercido pelas suas sutilezas. Seja pelo sinal ou em uma configuração na qual “até mesmo as ordens verbais devem funcionar como sinalização” (FOUCAULT, 2010, p. 161), o que existe é um modelo educativo que reflete, talvez, “um sonho militar de sociedade”, em que:

Sua referência fundamental não era o estado da natureza, mas às engrenagens cuidadosamente subordinadas de uma máquina, não ao contrato primitivo, mas às coerções permanentes, não aos direitos fundamentais, mas aos treinamentos indefinidamente progressivos, não à vontade geral, mas à docilidade automática. (FOUCAULT, 2010, p.162).

O automatismo expressado na linguagem encontra seu reduto final no corpo dos alunos, que devem atender prontamente aos gestos do mestre de modo que o sinal significa “em sua brevidade maquinal ao mesmo tempo a técnica do comando e a moral da obediência” (FOUCAULT, 2010, p. 160).

Na compreensão do espírito positivista, o fomentar de um corpo docilizado se faz em harmonia com a padronização subjetiva imposta de cima para baixo e difundida nas microrrelações. A produção massiva de objetos de consumo tem que instaurar, de antemão, a necessidade da aderência, fato que se dá por uma modalidade padronizadora subjetiva que se efetiva na vontade de produção de um corpo comum, reificado, cujas possibilidades de experiências e desejos encontram sua matriz fora de si.

A calculabilidade se faz como mediadora das experiências em sujeitos cuja letargia, propagada pelos meios de comunicação em massa, acaba por tecer um arcabouço semiformativo que solapa as constituições da essência linguística dos sujeitos e suas possibilidades de experimentarem o mundo por sua experiência, envoltas em sua narrativa, cumprindo assim a missão ontológica da nomeação. Como observa Türcke (2010, p. 66): “Apenas na medida em que a percepção é capaz de fixar-se em algo, juntar-se a algo, é que ela pode tornar-se uma unidade concreta de experiência. Pode dar coesão ao organismo sensível, uma identidade, um “a”, tanto em sentido objetivo quanto subjetivo”.

Mas tal processo se encontra engessado pelas forças midiáticas que a tudo nomeiam, valoram e constituem significado pronto, cabendo aos sujeitos o puro ato degustativo, a reprodução microfísica dos valores absolutizados pela Indústria Cultural. Por fim, Foucault destaca as novas características da *modalidade* de poder, que passa a exercer uma: “Coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos” (FOUCAULT, 2010, p.133).

A totalidade destes novos exercícios de poder acaba então por permitir um controle sofisticado e contínuo, no qual, diferentemente da escravidão, da domesticidade, da vassalagem e do ascetismo, mas com a mesma natureza violenta, se constituem redes de poder sobre o corpo, cooptando suas possibilidades de singularidade por meio do exercício de suas propriedades linguísticas. Neste sentido, tais forças acabam por estabelecer com o corpo “uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 2010, p. 133), o que caracteriza, no nosso entendimento, um gérmen sofisticado de um espírito semiformado cuja função social é a adesão cega a agenda de consumo da Indústria Cultural.

Todavia, a gênese histórica deste processo, segundo Foucault, encontra-se na época clássica, e o lócus dessa mecânica de poder, não ocasionalmente, são os “regulamentos militares, escolares, hospitalares” (FOUCAULT, 2010, p. 132). A grande obra que cristaliza esta nova perspectiva “Homem-máquina” nasce então de uma intersecção que apresenta, por um lado, o pensamento filosófico e médico (anátomo-metafísico) iniciado por Descartes, e tem seu outro braço, técnico-político, na minudência dos

regulamentos citados, que expressavam “processos empíricos e refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo” (FOUCAULT, 2010, p. 132). Segundo Foucault:

“O Homem-máquina” de La Mettrie é ao mesmo tempo uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de “docilidade” que une ao corpo analisável o corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. (2010, p. 134)

Por sinal o *Homem-máquina*, terminologia sintetizadora de um processo histórico da construção de uma política corporal disciplinadora que treina o corpo em suas minúcias para potencializar determinadas forças e cessar outras, é uma nomenclatura que cristaliza toda a essência de um ideal formativo novo, que terá no soldado seu guia. No termo revela-se a perversão que dá origem a um ideal de corpo esvaziado de suas potências linguísticas, um corpo oco, que em seus abismos se permite ouvir somente o ecoar de vozes exteriores. O corpo manipulável, transformado, aperfeiçoado e dócil, é a oposição formativa de um corpo que se apropria das experiências exteriores e que, na tensão dialógica estabelecida na relação sujeito-mundo, expressaria narrativas marcadas pela singularidade, pela nomeação. No cessar imperativo, ininterrupto e microfísico dos *lautbilders*³; na produção de um mecanismo mimético mercantil e na prontitude que os significados se apresentam aprioristicamente ao sujeito, em um mundo de nomes e experiências prontas, absolutas e tão aligeiradas que a quase nada permitem fixar, o duplo devir da linguagem se esvai, dando lugar aos danosos campos da semiformação e da reificação, que se instauram na reprodução deste espírito desde a mais tenra infância.

O desenvolvimento histórico de uma biopolítica de esquadramento e docilização do corpo aponta seu norte para a imago do soldado. O soldado é, a priori, a imagem de si; e o templo do qual tal imagem emana é seu corpo. Seu corpo centraliza o ideal formativo novo, pois este representa a dupla potência da disciplina que obedece e aquieta o corpo, com a disciplina que treina o corpo em suas minúcias até a exaustão, para o evoluir gradual e constante de um sujeito adestrado para executar comandos exteriores com a maior agilidade e com a máxima eficácia possível. A coletividade obediente e sincronizada dos soldados é a sua principal força, o perder-se na multidão, confundir-se, uniformizar-se, a hierarquia inquestionável e cega, faz parte de uma estratégia intencional e codificada, que garante a vitória de seu corpo ao mesmo tempo em que assegura a derrocada de sua alma.

As práticas de privação em que o soldado deve preparar seu corpo são constituídas no interior da Indústria Cultural, como uma forma ambígua de repressão em um mundo em que a ideia da totalidade e do absoluto se reafirma na vinculação aos produtos mercantis. Neste sentido, o corpo que se submete as privações e os esforços necessários tem como meta uma futura satisfação plena de seus anseios, que também comumente são arquitetados em âmbito exterior, mas absorvidos pelo indivíduo como se lhes fossem orgânicos. Este é o caso dos procedimentos estéticos aos quais os sujeitos se submetem, na pretensão de se enquadrarem em um padrão de beleza artificial, facilitando assim seu trânsito social, na medida em que agrada uma maior quantidade de pessoas. A questão se torna mais complexa, na medida em que um corpo docilizado acaba por ter negado constante e ininterruptamente suas vias de satisfação pessoal e, talvez por isso, que o poder de disciplina do corpo, assim como constata Foucault (2010), tenha evoluído

para uma forma complexa e ininterrupta de dominação, visto que ininterrupta também são as negações das satisfações do sujeito.

Como demonstrado com a analogia ao mito do canto da sereia a constituição de uma possibilidade de resistência deve enfrentar diretamente o fato de que: “Ninguém que ouve sua canção pode escapar a ela. A humanidade teve de se submeter a terríveis provações até que se formasse o eu, o caráter idêntico, determinado e viril do homem, e toda infância ainda é de certa forma a repetição disso” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.39).

Qualquer possibilidade discursiva que almeja a via da negação estará cerceando suas próprias possibilidades, na medida em que empregará forças contra um simulacro da realidade, e não contra suas raízes mais profundas. Independente do apontamento tomado, resistir deve ter como contra exemplo o processo histórico do esclarecimento: “Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.18).

No alavancar da natureza estética da linguagem se perde também a possibilidade de reflexão estabelecida em outras modalidades linguísticas, na medida em que se agregam novas características fundamentais para o sucesso da imagem enquanto forma predominante de comunicação como, por exemplo, a velocidade em que elas se sucedem e, por consequência, a impossibilidade do estabelecimento de vínculos que derivariam formas artesanais de experiência. Na sucessão ininterrupta das figuras de linguagem, o interlocutor da imagem perde o olhar meticuloso e atento do artesão, para aderir ao estado de letargia e, neste sentido, até mesmo as atividades de lazer que os sujeitos exercem passam a ser uma ferramenta fundamental para o esvaziamento do pensamento crítico.

A razão, cujo plano moderno tanto almejou, vê-se então em um regredir para a suplantação de toda modalidade plural linguística que deriva na absolutização de uma linguagem estética e esvaziada, no qual a forma predomina majoritariamente sobre qualquer possibilidade de conteúdo. A criação de uma repressão corporal traz a inversão de uma anormalidade que se torna normal, excluindo todos aqueles que não se encaixam no formato dos corpos disposto pelo modelo mercantil. A inversão exposta age na contramão das formas míticas de relação imagem-palavra, na medida em que solapa o conteúdo e a tudo produz um símbolo visual: “A doutrina dos sacerdotes era simbólica no sentido de que nela coincidiam o signo e a imagem. Como atestam os hieróglifos, a palavra exerceu originariamente também a função de imagem” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.27).

Podemos inferir, sem cometer nenhum anacronismo, que os objetivos autopropostos pelo esclarecimento parecem resultar hoje, em termos linguísticos, na inversão esvaziada da relação construída nas sociedades míticas. Desta nova relação, cabe ao corpo aderir aos significados prontos que residem nas formas e, para tal, não há outra via senão a da repressão de qualquer potência *sui generis*, para a adesão total aos moldes standardizados pela Indústria Cultural.

Tal modalidade de repressão corporal, com seu norte no soldado, traz consigo também uma modalidade pedagógica de resistência à dor, no embrutecimento latente das subjetividades. Quer seja no processo aterrorizador de espetacularização da barbárie, via

grandes mídias, tal privação do presente resguardada em um futuro longínquo que nunca se realiza, tem-se:

Esse controle sobre o corpo não é isento de tributos, que são pagos, em grande parte, com a própria felicidade. Muitas vezes esse exercício tem como destino uma relação perversa, cruel, patogênica com o corpo – o próprio e o ‘do outro’ – descambando para o masoquismo, para o sadismo, para o preconceito. O ‘outro’ – que pode, paradoxalmente, estar no próprio eu que se afasta de si para exercer o autodomínio – e seu corpo são, nesse quadro, o que deve ser objeto do ódio, do qual nos vingamos pelo sofrimento que impusemos a nós mesmo (VAZ, 2003, p.61-62).

A perversão e a insensibilidade à dor alheia geram, no interior da lógica de poder expressada por Foucault (2010), um modelo disciplinar do qual a escola parece ter feito um maculoso uso; neste sentido, instaura-se uma disciplina que se realiza enquanto prazer, na relação sadomasoquista de identificação da dor do outro que passa pelo mesmo processo. A mudança de referencial do sujeito em relação ao seu corpo, que deixa de olhar para si para tomar como referência o outro, dá vazão a um modelo disciplinar no âmbito educacional fundamentado sob a égide da lógica de vigiar e punir (FOUCAULT, 2010), como temos o exemplo das escolas mútuas, o método Lancaster ou qualquer uma das diversas propostas pedagógicas que se solidificaram depois do século XVIII. Todas conseguiram agregar um grande número de alunos por professor, precisamente com o ajustamento desta lógica disciplinar em que os próprios alunos se vigiavam e ocupavam seu tempo com o disciplinar do outro, tendo no mesmo movimento docilizado o próximo e despendido de um tempo vago que poderia ser utilizado como forma de subversão à lógica disciplinar vigente.

Nesta mesma orientação se configuram práticas pedagógicas em relação ao corpo da criança. Deste contexto, a necessidade de um enfrentamento discursivo se faz urgente, na medida em que a criança não tem historicamente constituída sua representatividade e seu discurso não tem valor pela representação histórico-social da infância, o que resulta em anacronismos como a representação social em que a educação da primeira infância se resume ao cuidar, a repressão e ao exercício incessante e minucioso de normatização. Na criança e no soldado parecem se intensificar a busca por uma “retórica corporal de honra” (FOUCAULT, 2010, p. 131) e, para tal, há de se constituir o mesmo rigor disciplinar: a correção dos gestos, a padronização dos esquematismos corporais frente ao universo exterior, a canalização das potências corporais, o ensinar do corpo a usar suas forças contra suas próprias forças; o conjunto dessas modalidades que extravasam a potência educativa da disciplina pela docilização mercantilizada, cessa paulatinamente toda potência linguística que fervilha no sujeito, na inquietude do cumprimento ontológico de sua linguagem, o ato nomeador, culminante de um processo cognoscível particular e intransferível.

O esvaziamento das singularidades tem na educação cujo estandarte é o soldado, um processo de sangria intenso da potencialidade da linguagem dos homens, na aquisição de suas experiências, adornadas pelo seu íntimo artesanato, que molda a imagem e a ela imprime seus traços, seus significados, devolvendo-a ao mundo dotada de suas cores. É no automatismo que se cria uma modalidade mimética perversa, que instala um filtro com intenções deliberadas, atravessando e ressignificando qualquer interação sujeito-objeto

em sua potência linguística, extinguindo gradativamente o ato de nomear em um mundo em que os significados timbrados pelas cores vivas do capital já se encontram prontos, pairando no absoluto que só um novo mito ousaria alcançar. Assim, as potências individuais são amainadas e centralizadas no sucumbir das possibilidades *sui generis* de sentir e existir novas e diferentes vidas. Ao soldado não cabe a “arte nem parte” (MANACORDA, 2004, p. 75) renegadas historicamente, mas sua força primeva é o abandono de si, sobretudo de sua razão e desejo, no obedecer de um corpo dócil e castrado de seu devir linguístico.

O mundo da criança, reestruturado nos espaços educativos, tem se constituído enquanto um simulacro do mundo adulto, de um mundo soldado, de qualquer mundo que não seja o próprio mundo do devir criança; um lugar de espera, de treinamento e ensaio, do mesmo processo que “expulsa o camponês e lhe dá fisionomia de soldado” (FOUCAULT, 2010, p. 131), em que expulsa a infância e lhe introduz o gérmen disciplinar, as microinstâncias de poder que cooptam o sujeito e renegam a alteridade propiciando danos à formação e às possibilidades de emancipação e autonomia.

Ao longo da história das sociedades humanas, distintas intencionalidades marcaram as formas institucionais de poder e, conseqüentemente, ecoaram em todos os segmentos da vida dos sujeitos, bem como os desdobramentos inerentes à natureza do poder em si. Objetos, ritos, regras e corpos se metamorfosearam conforme a ciranda da produção social e da dinamicidade de como se organizaram as referidas sociedades, trazendo como marca de sua expressão histórica, a determinação de um modo singular de produção das subjetividades.

No cerne da objetivação do poder institucional, os indivíduos - mesmo enquanto grupos, primitivamente enquanto família e posteriormente enquanto população -, sempre foram atravessados, em maior ou menor grau, pela força que emana da manutenção do poder vigente por meio da constituição de identidades que, em sua coisificação alienada, constituem uma atmosfera profícua à perpetuação do *status quo*.

Tal tensão é costumeiramente remediada pela potencialidade (de)formativa da educação. À educação, enquanto instituição de sequestro apontada por Foucault, é incumbida à tarefa de modelar os educandos à mercê da lógica que permeia a organização social, para que cessem na raiz as possibilidades do desenvolvimento de movimentos de ruptura.

O processo educacional tem ambigüamente em sua imago a esperança, mais ou menos consciente, da constituição de uma realidade social nova, debruçada na égide da justiça e da igualdade social. Contrariamente a tal potencialidade a escola perde a sua governabilidade, enquanto expressão máxima da intencionalidade educacional do governo (que não mais governa, em sua natureza de Estado mínimo), traz a repetição sistemática de discursos comprados de uma realidade exterior a quase toda realidade a quem a educação se dirige. Assim a escola atua como um agente institucional, um órgão oficializado da incumbência de promover o rito de passagem mais significativo dos homens: ela lhes captura infantis e despertos ao mundo, potencialmente capazes de se desenvolver em sua criatividade e autonomia, para tentar lhes devolver ao mundo semiformados, docilizados e esvaziados de suas potências linguísticas.

Por outro lado, a nova percepção da natureza do poder elaborada por Foucault, deslocando-o da exclusividade de uma determinada classe social ou de uma única fonte qualquer, para a concepção de um poder multiforme e plurilocalizado traz a perspectiva da ruptura por dentro das microrrelações de poder. Assim, podemos nos opor contra os estereótipos que se formam nas macroestruturas e são reproduzidos nas relações,

invertendo tais lógicas em prol de novas formas de ser e de pensar. A diversidade das fontes do poder possibilita outra perspectiva de ruptura: a contradição. Um exemplo disto é o da função professoral, que é instituído pelo Estado para reproduzir a lógica educacional da docilização e, em última instância, da manutenção da ordem social, mas, ao mesmo tempo, coloca o professor na condição de submissão a uma teia burocrática infinitamente maior que seu poder e a própria condição social que lhe é imposta o faz assemelhar-se a seus alunos.

Considerações finais

A repressão do corpo não é uma canalização e multiplicação de suas potencialidades, mas uma modalidade de educação em que os sentidos são codificados em um prol de um cessar paulatino e ininterrupto da potência linguística e de toda experiência formativa que dela poderia derivar. Dentro deste cenário de experiências em que os significados se antecedem aos sujeitos, prontos e processados pelas engrenagens da perversa rede mercantil da indústria cultural, a deformação da experiência do corpo e, portanto, o cessar da essência espiritual da linguagem, são os passos iniciais de um modelo formativo que para se perpetuar necessita uniformizar e padronizar todas as subjetividades, corpos e expressões. A constatação do caráter deformado da experiência contemporânea, em suas múltiplas facetas, tem protagonismo nas relações estabelecidas com o corpo:

A experiência não parece ser realizada pelo indivíduo, mas sim de maneira artificial por um corpo que está submetido ao empobrecido papel de instrumento e na efemeridade deste gozo artificializado está excluída qualquer possibilidade de se revelar como a realidade nega o verdadeiro prazer e no seu lugar oferece um substituto mercadorizado com o qual o sujeito é praticamente obrigado a se satisfazer (DIAS, 2010, p.74).

O corpo que obedece ao rigor de uma disciplina, que está desvinculada de processos concomitantes de possibilidades artísticas expressivas e submetido a uma regulação de si pautada pela docilização, é o mesmo corpo que reproduzirá valores, conceitos e normas que lhe são exteriores.

Na conexão com a teoria da linguagem benjaminiana e na crítica social de Adorno e Horkheimer, pudemos observar, a partir das apreensões expostas por Foucault, um processo histórico de docilização dos corpos que se efetiva por formas complexas e sutis, castrando nos sujeitos suas possibilidades expressivas mais íntimas, na substituição da singularidade por um corpo massificado e segregado da alma, tendo como a única função obedecer aos comandos externos.

As dores deste violento processo encontram nas estruturas de poder uma ordem discursiva de legitimação, no qual passam a ser vistas como fundamento pétreo de qualquer modelo educativo, elevando-se ao *status* de natural. A insensibilidade à dor, primeiro de si, depois do outro, em uma constituição sadomasoquista do prazer, são engendrados desde a pequena infância e transpassa os estágios educativos, estabelecendo-se como tônica das relações que os sujeitos constituirão consigo e com os outros.

A partir da compreensão da pluralidade formal e na transcendência da linguagem em Walter Benjamin, observamos todo seu devir que não encontra espaço para florescer no cenário social moderno. O aprisionamento da alma pela Indústria Cultural, com o comitante aprisionamento do corpo a partir de suas ininterruptas políticas de docilização, vão rompendo paulatinamente os vínculos profundos com a experiência.

Neste contexto, é latente a necessidade da construção de uma ordem discursiva que questione seu interior, fomente uma ruptura com a reificação baseando-se na potencialidade linguística do único, do experienciável e comunicável via narrativa na formação artística de pequenos artesões de suas próprias histórias. Assim, a desconstrução de um contexto que solapa as possibilidades do corpo pode se constituir na esfera social a partir de microrrupturas, que atentem ao detalhe, nas junções da difusa rede de poder. Sobre isso, vale salientar as palavras de Foucault (2010, p. 134):

Técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, mas que tem sua importância: porque definem certo modo de investimento político detalhado do corpo, uma nova “microfísica” do poder [...] Pequenas astúcias dotadas de um grande poder de difusão, arranjos sutis, de aparência inocente, mas profundamente suspeitos dispositivos que obedecem a economias inconfessáveis, ou que procuram coerções sem grandeza.

O poder investido ao mestre, deve romper as amarras que lhe prendem a uma ordem discursiva pré-constituída, incessantemente solidificada pelos componentes do universo escolar que punem a diferença, enquanto abarcam a falaciosa potência de discursar a liberdade com os pés no imundo chão do cárcere, compondo um arranjo em que “a disciplina é uma anatomia política do detalhe” (FOUCAULT, 2010, p. 134).

Referências

ADORNO, T. W. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. (1944/1985) *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BENJAMIN, W. Problemas da sociologia da linguagem. In: _____. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

BENJAMIN, W. O narrador. *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas volume I. Tradutor: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, W. Sobre El lenguaje em general y sobre El lenguaje de los hombres. *Sobre El programa de la filosofía futura y otros ensayos*. p.139-153. Caracas: Monte Avila, 1970.

DIAS, F. V. *Indústria Cultural e Educação Física: o corpo na revista Nova Escola*. São Carlos, 2010, Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, 2010.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2010.

MANACORDA, M. A.. *História da educação: da Antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 2004.

TÜRCKE, C. *Sociedade Excitada: filosofia da sensação*. Tradutores: Antonio A.S. Zuin, Fabio A. Durão, Francisco F. Fontanella, Mario Frungillo. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

VAZ, A. F. Corpo, educação e indústria cultural na sociedade contemporânea: notas para reflexão. *Pro-Posições*, v. 14, n. 2 (41) - maio/ago, 2003.

¹ Para Benjamin, toda a natureza animada ou inanimada expressa sua essência espiritual na linguagem.

² Foucault cita, neste contexto, o exemplo histórico da escola mútua.

³ Ao negar a teoria onomatopaica (BENJAMIN, 1992), Benjamin defende uma concepção mística da linguagem (BENJAMIN, 1970) no qual os *lautbilders* seriam potências, instintos miméticos expressivos, que se manifestam nas múltiplas possibilidades da linguagem

Submetido em abril de 2021.

Aprovado em junho de 2021.

AUTORIA

Marsiel Pacífico

Doutor em Educação (UFSCar), Professor Permanente do PROFEDUC (UEMS) e Professor Adjunto (UEMS), é membro pesquisador do Grupo Teoria Crítica e Educação.

E-mail: marsiellp@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2013-2073>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0433875706735815>

Luiz Roberto Gomes

Professor Associado do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. Líder do Grupo de Pesquisa “Teoria Crítica e Formação Ético-Política” (UFSCar/CNPq). Membro da Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação – SOFIE.

E-mail: luizrgomes@ufscar.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8867-7897>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4768579559449929>